

Resenhas

Seeing and Being Seen: Emerging from a Psychic Retreat

Autor: John Steiner

Editora: Routledge, 2011

Resenhado por: Paola Amendoeira¹

Muito se tem falado sobre as particularidades da clínica atual, com ênfase nos pacientes narcísicos, *borderline*, nos momentos de impasse entre a dupla analista/ analisando, da estagnação na clínica. É a partir de experiências como esta, frequentes nos dias atuais, nas quais se nota que o paciente sente-se estagnado e onde uma falha do desenvolvimento impede o progresso da análise, que John Steiner vai desenvolver suas ideias em *Seeing and Being Seen: Emerging from a Psychic Retreat (Ver e ser visto: emergindo do refúgio psíquico)*.² Durante toda a narrativa o foco é mantido no paciente, no analista e na própria análise. Naqueles momentos que iniciam um movimento de saída do Refúgio Psíquico³.

Fiel aos princípios do grupo dos “Kleinianos Contemporâneos”, observamos um conhecimento que vai sendo tecido a partir de um enfoque eminentemente clínico, vindo atender ao imperativo, já expresso por Quinodoz, de “encontrar palavras que possam ajudar nossos pacientes a expressar não só o que eles pensam, mas aquilo que sentem e experienciam, tanto em suas vidas quanto na relação com seu analista” (2003, p. 1469).

Passo a passo, capítulo a capítulo, vai-se desenhando um quadro sobre as organizações patológicas, formando sistemas complexos onde o “ver” e o “ser visto” são tidos como aspectos importantes do narcisismo e trazem consigo ansiedades de naturezas distintas, ainda que complementares, fomentadas, pela angústia de

1 Membro Provisório da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ.

2 Tradução livre da autora.

3 “O refúgio psíquico fornece ao paciente uma área de relativa tranquilidade e proteção contra tensões, quando qualquer contato significativo com o analista é visto como uma ameaça ... surgem sérios problemas técnicos com pacientes que recorrem frequente, excessiva ou indiscriminadamente ao refúgio psíquico ... com pacientes fronteiros e psicóticos, pode ocorrer uma acomodação mais ou menos permanente ao refúgio” (Steiner, 1997, p. 17).

separação, dando vida a um aspecto da experiência emocional pouquíssimo abordado por Melanie Klein e seus seguidores: a *vergonha*. O autor, neste ponto, reflete sobre o quanto, ao valorizar as relações objetais do mundo interno do paciente – e, portanto, a experiência do “vendo os objetos” – não havia dado a atenção necessária ao problema e desdobramento da experiência de ser visto. Na literatura psicanalítica vigente é possível acompanhar o desenvolvimento da experiência do “ser visto” como formador de um senso de identidade. Na psicanálise francesa, por exemplo, encontramos a importância do olhar da mãe para a constituição subjetiva, descrita por Lacan como estádio do espelho. Ao chamar à conversa autores como Kohut, Fairbain, Rosenfeld, Wurmser, Green, entre outros, Steiner traça um desenvolvimento conceitual destes estados, objetivando viabilizar seu reconhecimento e manejo na clínica atual. Ao desenvolver uma revisão bibliográfica o autor segue indicando os pontos de convergência bem como aqueles nos quais se vê em desacordo nas abordagens teóricas.

Em seu primeiro livro (1997), Steiner abordava as defesas sob um novo enfoque, ao conectá-las em torno do que chamou de “Organizações Patológicas”. Falava de uma forma especial do paciente – e da dupla paciente/analista – defender-se do conflito psíquico e do sofrimento, nas transições entre as posições esquizoparanoide e depressiva, bem como no interior de cada uma delas. Neste sentido, a formação de uma organização patológica se daria em momentos de transição, quer intraposições, quer na passagem de uma para outra. O autor entende as organizações patológicas como um tipo específico de defesa, um “refúgio psíquico”, que aparece como uma ausência de *insight* e de resistência à mudança que observa em determinados momentos, ou com determinados pacientes, no curso de uma análise.

Em *Ver e ser visto: emergindo do refúgio psíquico* acompanhamos a continuidade do trabalho analítico com esse tipo de paciente e/ou situação clínica. Ao iniciar um movimento de saída do Refúgio o autor observa que a consciência do eu é aguçada. O paciente vai perdendo a proteção de uma organização patológica, o que o faz sentir-se exposto, nu, observado de uma forma crítica e aterradora. Onde antes havia um sentimento de proteção e esconderijo, o que encontramos, neste movimento de saída, é um sentimento de exposição a um tipo de olhar que o faz sentir-se vulnerável e humilhado. Aqueles pacientes chamados de narcísicos parecem ser especialmente sensíveis a esse tipo de situação. Ser visto pode trazer sentimentos de orgulho, de prazer em ser admirado ou pode também levantar sentimentos opostos como constrangimento, vergonha e humilhação. Steiner descreve a escala em termos de gravidade da experiência que vai do embaraço ou constrangimento, em seu grau mais leve, passa pela vergonha e desemboca em sentimentos de humilhação, em casos ou situações clínicas mais graves. Todas estas vivências estão ligadas em maior ou menor intensidade ao sentimento de inferioridade, que com frequência remetem

a fantasias de serem vistos com desprezo e/ou serem ridicularizados. Não podemos esquecer que estamos falando de uma experiência que é compartilhada, na clínica, entre a dupla, e que, independente do seu grau de intensidade, sempre haverá uma demanda por um alívio imediato de tal enquadre não só pelo lado do paciente, mas, também, por parte do analista, que, ao não conseguir entender o que está ocorrendo, naquele momento, também pode se ver impulsionado a atuar no mesmo sentido.

Ver o objeto, e considerá-lo, poderá ser o prelúdio de uma entrada na posição depressiva, e trazer consigo sentimentos de exposição e de ser visto. Já o constrangimento, a vergonha e a humilhação estão diretamente ligados a uma relação objetal interna de poder: ora dos objetos sobre o eu, ora do eu sobre os objetos.

Ao abordar o complexo de Édipo, explora seus arranjos possíveis e as resoluções encontradas na clínica. Steiner revisita o caso Schreber e vai além. Ver e ser visto fala de uma direção no olhar. A alteridade se faz presente. Mas como? Para Steiner ela pode aparecer, na relação, de duas formas:

1. de uma forma justa e assim permitir uma saída do complexo por uma via depressiva, tornando possível a reconciliação e o perdão, de forma que a criança pode se expressar, em vez de se tornar queixosa, ou;
2. pode configurar uma situação de atividade intensa de relações e experiências de poder, dominação e impotência, considerada pelo autor como uma saída paranóica do complexo de Édipo como, do seu ponto de vista, é a oferecida por Freud, onde ressentimentos e parcelas de vingança se tornam presentes.

Na transferência, a direção do olhar, seja do paciente, seja do analista, pode ser um indicador importante de um relativo poder e status. O paciente pode sentir-se humilhado por se acreditar pequeno e dependente, e por isso se defende contra estes sentimentos olhando o analista por cima ou o convidando a, junto a ele, fazer o mesmo em relação a uma outra pessoa, ou situação. No próximo movimento vem o medo da retaliação. Olhar, poder, dominação, melhora, sentimento de vergonha em ser afetuoso, são temas que serão amplamente abordados em seu texto.

Na última parte do livro, Steiner aborda o luto, a melancolia e a compulsão à repetição, ligados a uma dificuldade especial em poder fazer uso de uma posição receptiva feminina, como a *rêverie* de Bion, no sentido de uma intolerância à dependência do objeto bom que pode, nesses casos, trazer uma sensação de inferioridade em relação ao objeto e o conseqüente sentimento de humilhação.

É interessante, enriquece a abordagem que traz, a capacidade do autor de circular por diferentes entendimentos, diferentes correntes psicanalíticas e observar seu esforço em ampliar a compreensão a respeito do fenômeno de seu interesse a partir

da colaboração de todas elas. Saindo de seu território de segurança “kleiniano contemporâneo” para conversar com Lacan, Freud, Kohut, Winnicott, o autor amplia nossa percepção e compreensão das forças que estão em jogo entre a dupla paciente e analista nos momentos iniciais das experiências de saída de um refúgio psíquico.

Referências

- Quinodoz, D. (2003). Words that touch. *Int. J. Psycho-Anal.*, 84: 1469-1485.
Steiner, J. (1997). *Refúgios Psíquicos*. Rio de Janeiro: Imago.

Paola Amendoeira
SAUS Quadra 4 | Edifício Victória Office Tower | Asa Sul
70070-938 Brasília, DF
Tel: 61 3323-4327
paolamendoeira@gmail.com